

Presidente identifica "campanha de pessimismo"

Esta é a íntegra do discurso do presidente José Sarney em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio":

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma "Conversa ao Pé do Rádio", hoje, sexta-feira, dia 12 de agosto de 1988.

Começo com uma boa mensagem aos funcionários públicos, bem como aos empregados de toda a administração indireta federal: das fundações, das autarquias, das sociedades estatais. Quero dizer que autorizei ontem, em decreto publicado no Diário Oficial da União, o pagamento da URP de abril, que fui obrigado a mandar suspender em face do grave problema de caixa que tivemos naquela ocasião. Esta medida agora tomada foi possível graças à melhoria das finanças públicas, do controle dos gastos, e da diminuição do nosso déficit.

Nós já conseguimos chegar ao fim do primeiro semestre com um resultado animador: o nosso déficit nesse primeiro semestre foi de 1,87 do Produto Interno Bruto. Como eu tenho dito algumas vezes neste programa, a nossa meta é chegarmos ao fim do ano com um déficit somente de 4%. Propomos o orçamento de 89 com um déficit de 2% e entregar ao meu sucessor um orçamento equilibrado, com o déficit de zero. Nesse momento, nós teremos combatido a maior causa da inflação.

Temos certeza de que esse programa, reorganizando a máquina do estado, moralizando a administração, estabelecendo prioridades para os gastos públicos e selecionando pessoal pelo mérito, terá condições de mudar as expectativas. Mas devemos sempre lembrar que a administração pública é uma missão solidária, que temos que ter o apoio do povo, dos políticos, dos governos estaduais e dos governos municipais.

Quero também dizer que outros indicadores da economia são muito bons, com exceção da inflação, que também está em baixa em relação a julho, mas mesmo assim é alta e exige esforços, e da necessidade de ampliarmos os investimentos. Todos os demais índices da economia brasileira estão mostrando reações positivas. Alguns exemplos: a taxa de desemprego continua caindo. No mês de julho, ela foi de 3,9%, o que é quase que uma taxa residual. A produção industrial apresentou níveis de crescimento de 3,9% em relação ao mês anterior e também 1,5% em relação ao mesmo mês em 1987. As perspectivas de nossa próxima safra são melhores que os resultados obtidos este ano. Fechamos os acordos externos, que regularizam a situação do Brasil com a comunidade financeira internacional. O saldo de nossa balança comercial no mês passado foi de 1 bilhão e 800 milhões de dólares. Já temos um saldo acumulado de 8 bilhões e 600 milhões de dólares. Chegaremos a dezembro com um saldo de cerca de 14 bilhões de dólares. Este é um resultado inédito em nossa economia.

Quero também dizer que em soleridade realizada no Palácio do Planalto, quarta-feira, nós demos posse ao Conselho de Desestatização, que é um programa muito importante para também dar bons resultados na nossa economia. Tivemos a oportunidade de ressaltar a importância de privatizar, de descomplicar a economia. Hoje, o problema da privatização deixou de ser uma discussão ideológica. Nós hoje não queremos saber se há uma necessidade maior ou menor do Estado intervir, porque nós só temos uma solução: é de retirar o Estado das áreas em que ele não tem necessidade de estar — deixar o estado somente cumprir com seus deveres básicos de prestar serviços ao povo, como o bem-estar, educação e saúde. Mas eu tive também oportunidade de afirmar que a privatização não se faz nem com decreto nem com conselho. E um processo, um processo continuado. E uma consciên-

tização de que o Estado não dispõe mais de recursos para investir em setores que não aqueles estratégicos e necessários. Essa obra não será de um governo, mas um trabalho continuado e constante, porque hoje todos nós sabemos que o Estado passou a ser um mal pagador, além de ser um mal administrador. Ele está sendo um mal pagador hoje, não só para os seus fornecedores, mas sobretudo para os seus empregados, além de estar prestando serviços ruins e produtos inferiores.

Quero também comunicar que convidei esta semana os novos ministros da Reforma Agrária, da Ciência e Tecnologia e da Cultura. O ministro da Cultura será o meu velho amigo — que foi também o primeiro ministro da Cultura do meu governo — e é, até agora, governador de Brasília, o deputado José Aparecido, companheiro de muitas lutas, e que não somente irá auxiliar-me no setor da cultura como também no setor político.

O ministro da Reforma Agrária será o dr. Leopoldo Bessone, deputado federal por Minas Gerais. Foi secretário de Tancredo Neves, quando Tancredo Neves era governador de Minas, como também foi secretário do governador Hélio Garcia. E um homem experiente, irá dar uma grande contribuição, conduzindo com equilíbrio e espírito público esse setor tão importante que é o setor agrícola, onde desejamos ter paz na terra e tranquilizar quem produz e procurar, também, fazer justiça ao sofrido homem do campo, dando um pedaço de chão a quem nele trabalha.

O ministro da Ciência e Tecnologia será o deputado Ralph Biasi, deputado por São Paulo, ex-prefeito de Americana e atual secretário, também em São Paulo, da Ciência e Tecnologia. E um jovem que irá com modernidade e brilhantismo conduzir uma Pasta moderna, que representa a vanguarda da administração pública nas tarefas da ciência e das tecnologias de ponta.

Quero também dizer que, ontem, foi inaugurada a Escola Nacional de Administração Pública, fundada pelo meu governo, que se destina a preparar os novos administradores que vão conduzir a nova etapa do País. Essa escola formará recursos humanos, dentro já do programa de reforma administrativa. E um grande passo. Vai marcar a história do serviço público no País. Será um centro de excelência, de alto nível de formação, a exemplo do que existe em outras partes do mundo.

Finalmente, a minha palavra de otimismo, para encerrarmos. Foi com satisfação que lemos ontem as declarações do presidente Ernesto Geisel, este grande brasileiro, que tem uma grande presença em nosso País, pelo seu caráter exemplar, pela sua estatura moral. E ele ontem teve a oportunidade de dar declarações — as mais categóricas possíveis — denunciando a onda de pessimismo que procuram inocular o País.

O Brasil, eu devo reafirmar, não tem motivos para ter pessimismos. Ele é um grande País, com um grande futuro e um brilhante presente. As dificuldades são menores do que em outras partes do mundo desenvolvido, e as possibilidades do nosso País são melhores do que em qualquer outro país. Os nossos espaços ainda estão para serem ocupados, nossa economia cresce e temos imensos recursos naturais e humanos.

A campanha do pessimismo é uma técnica, muitas vezes, com objetivos políticos para criar descrença no País, para destruir os valores democráticos, diminuir os homens públicos e gerar um caldo de cultura necessário àqueles que sempre são chamados de "pescadores de águas turvas".

O povo brasileiro, contudo, a tudo vencerá e estas vezes passarão — são vezes do atraso e vezes do desânimo, são vezes dos vencidos e vezes dos ressentidos. Vamos em frente, queridas brasileiras e brasileiros, vocês que lutam e constroem este grande País.

Bom dia, e muito obrigado."

GAZETA MERCANTIL

15 AGO 1988